ETEC PROFESSOR JOSÉ CARLOS SENO JÚNIOR

PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO – DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E COMUNICAÇÃO PROFISSIONAL

GABRIEL DE SOUZA SANTOS

GUILHERME HENRIQUE DAROZ

LUÍS ARTUR FAUSTINONI RIBEIRO

PEDRO LUCAS APARECIDO SILVA

Poema “Ao Santíssimo Sacramento”, de Padre José de Anchieta

Olímpia

2022

1. **POEMA**



Ao Santíssimo Sacramento

José de Anchieta

Oh que pão, oh que comida,

Oh que divino manjar

Se nos dá no santo altar

Cada dia.

Filho da Virgem Maria

Que Deus Padre cá mandou

E por nós na cruz passou

Crua morte.

E para que nos conforte

Se deixou no Sacramento

Para dar-nos com aumento

Sua graça.

Esta divina fogaça

É manjar de lutadores,

Galardão de vencedores

Esforçados.

Deleite de enamorados

Que com o gosto deste pão

Deixem a deleitarão

Transitória.

Quem quiser haver vitória

Do falso contentamento,

Goste deste sacramento

Divinal.

Ele dá vida imortal,

Este mata toda fome,

Porque nele Deus é homem

Se contêm.

É fonte de todo bem

Da qual quem bem se embebeda

Não tenha medo de queda

Do pecado.

Oh! que divino bocado

Que tem todos os sabores,

Vindes, pobres pecadores,

A comer.

Não tendes de que temer

Senão de vossos pecados;

Se forem bem confessados,

Isso basta.

Que este manjar tudo gasta,

Porque é fogo gastador,

Que com seu divino ardor

Tudo abrasa.

É pão dos filhos de casa

Com que sempre se sustentam

E virtudes acrescentam

De contino.

Todo al é desatino

Se não comer tal vianda,

Com que a alma sempre anda

Satisfeita.

Este manjar aproveita

Para vícios arrancar

E virtudes arraigar

Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas,

Que se não podem contar,

Mas bem se podem gostar

De quem ama.

Sua graça se derrama

Nos devotos corações

E os enche de benções

Copiosas.

Oh que entranhas piedosas

De vosso divino amor!

Ó meu Deus e meu Senhor

Humanado!

Quem vos fez tão namorado

De quem tanto vos ofende?!

Quem vos ata, quem vos prende

Com tais nós?!

Por caber dentro de nós

Vos fazeis tão pequenino

Sem o vosso ser divino,

Se mudar.

Para vosso amor plantar

Dentro em nosso coração

Achastes tal invenção

De manjar,

Em o qual nosso padar

Acha gostos diferentes

Debaixo dos acidentes

Escondidos.

Uns são todos incendidos

Do fogo de vosso amor,

Outros cheios de temor

Filial,

Outros com o celestial

Lume deste sacramento

Alcançam conhecimento

De quem são,

Outros sentem compaixão

De seu Deus que tantas dores

Por nos dar estes sabores

Quis sofrer.

E desejam de morrer

Por amor de seu amado,

Vivendo sem ter cuidado

Desta vida.

Quem viu nunca tal comida

Que é o sumo de todo bem,

Ai de nós que nos detém

Que buscamos!

Como não nos enfrascamos

Nos deleites deste Pão

Com que o nosso coração

Tem fartura.

Se buscarmos formosura

Nele está toda metida,

Se queremos achar vida,

Esta é.

Aqui se refina a fé,

Pois debaixo do que vemos,

Estar Deus e homem cremos

Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,

Pois na terra nos é dado

Quanto lá nos céus guardado

Nos está.

A caridade que lá

Há de ser aperfeiçoada,

Deste pão é confirmada

Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,

Ele dá perseverança,

Pão da bem-aventurança,

Pão de glória.

Deixado para memória

Da morte do Redentor,

Testemunho de Seu amor

Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,

Oh menino de Belém,

Oh Jesus todo meu Bem,

Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,

Meu amigo, meu irmão,

Centro do meu coração,

Deus e Pai.

Pois com entranhas de Mãe

Quereis de mim ser comido,

Roubai todo meu sentido

Para vós

Prendei-me com fortes nós,

Iesu, filho de Deus vivo,

pois que sou vosso cativo,

que comprastes

Com o sangue que derramastes,

Com a vida que perdestes,

Com a morte que quisestes

Padecer.

Morra eu, por que viver

Vós possais dentro de mim;

Ganha-me, pois me perdi

Em amar-me.

Pois que para incorporar-me

E mudar-me em vós de todo,

Com um tão divino modo

Me mudais.

Quando na minha alma entrais

É dela fazeis sacrário,

De vós mesmo é relicário

Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda

De vosso divino rosto,

O saboroso e doce gosto

Deste pão

Seja minha refeição

E todo o meu apetite,

Seja gracioso convite

De minha alma.

Ar fresco de minha calma,

Fogo de minha frieza,

Fonte viva de limpeza,

Doce beijo.

Mitigador do desejo

Com que a vós suspiro, e gemo,

Esperança do que temo

De perder.

Pois não vivo sem comer,

Como a vós, em vós vivendo,

Vivo em vós, a vós comendo,

Doce amor.

Comendo de tal penhor,

Nela tenha minha parte,

E depois de vós me farte

Com vos ver.

**Amém.**

1. **ANÁLISE**

Oh que pão, oh que comida,

Oh que divino manjar

Se nos dá no santo altar

Cada dia.

**Aqui, José de Anchieta já faz referência ao pão, que, segundo a Bíblia, é uma comida sagrada. Ainda diz que o pão deve ser comido em um lugar santificado, no caso, o altar.**

Filho da Virgem Maria

Que Deus Padre cá mandou

E por nós na cruz passou

Crua morte.

**Filho da Virgem Maria – Jesus. Aqui, é uma referência ao ato sagrado de Jesus (seu sacrifício em prol da humanidade).**

E para que nos conforte

Se deixou no Sacramento

Para dar-nos com aumento

Sua graça.

**Jesus aqui então deixou algo para dar-nos sua graça.**

Esta divina fogaça

É manjar de lutadores,

Galardão de vencedores

Esforçados.

**”Divina fogaça” - Pão, alimento sagrado da Bíblia. E este pão será comido por aqueles lutadores vencedores esforçados.**

Deleite de enamorados

Que com o gosto deste pão

Deixem a deleitarão

Transitória.

**Depois de comer este pão eles vão poder alcançar o céu, uma boa vida.**

Quem quiser haver vitória

Do falso contentamento,

Goste deste sacramento

Divinal.

**Quem quiser superar esta falsa ilusão de felicidade, que deleite este sacramento (referência ao pão, novamente) divino.**

Ele dá vida imortal,

Este mata toda fome,

Porque nele Deus é homem

Se contêm.

**Este pão mata toda fome, dá vida imortal.**

É fonte de todo bem

Da qual quem bem se embebeda

Não tenha medo de queda

Do pecado.

**Novamente o pão é tratado como divino. Ele pode colocar o indivíduo mais próximo de Jesus e Deus.**

Oh! que divino bocado

Que tem todos os sabores,

Vindes, pobres pecadores,

A comer.

**Ele se refere aos índios como ‘pobres pecadores’, e ele convida estes para comer o pão divino.**

Não tendes de que temer

Senão de vossos pecados;

Se forem bem confessados,

Isso basta.

**Se os pecados forem confessados (pecados = não serem católicos e não seguirem a religião cristã), tudo bem.**

Que este manjar tudo gasta,

Porque é fogo gastador,

Que com seu divino ardor

Tudo abrasa.

**Manjar o pão vai abrasar os pecados, seria como uma espécie de perdão.**

É pão dos filhos de casa

Com que sempre se sustentam

E virtudes acrescentam

De contino.

Todo al é desatino

Se não comer tal vianda,

Com que a alma sempre anda

Satisfeita.

Este manjar aproveita

Para vícios arrancar

E virtudes arraigar

Nas entranhas.

**Três estrofes onde ele tenta caracterizar e divinizar o pão, mais uma vez. O pão arranca vícios, adiciona virtudes, é a salvação do homem.**

Suas graças são tamanhas,

Que se não podem contar,

Mas bem se podem gostar

De quem ama.

Sua graça se derrama

Nos devotos corações

E os enche de benções

Copiosas.

Oh que entranhas piedosas

De vosso divino amor!

Ó meu Deus e meu Senhor

Humanado!

**Três estrofes em relação às graças de Deus e Jesus Cristo, indicando que segui-los é o caminho para a salvação, para o amor e para a benção divina.**

Quem vos fez tão namorado

De quem tanto vos ofende?!

Quem vos ata, quem vos prende

Com tais nós?!

**O questionamento do padre em relação ao motivo dos índios seguirem um caminho contrário ao cristianismo.**

Por caber dentro de nós

Vos fazeis tão pequenino

Sem o vosso ser divino,

Se mudar.

Para vosso amor plantar

Dentro em nosso coração

Achastes tal invenção

De manjar,

**Para colocar dentro do humano o amor, Deus “inventou” algo para que o humano manjasse.**

Em o qual nosso padar

Acha gostos diferentes

Debaixo dos acidentes

Escondidos.

Uns são todos incendidos

Do fogo de vosso amor,

Outros cheios de temor

Filial,

Outros com o celestial

Lume deste sacramento

Alcançam conhecimento

De quem são,

Outros sentem compaixão

De seu Deus que tantas dores

Por nos dar estes sabores

Quis sofrer.

**Longa sequência de estrofes para dizer aos índios que com este sacramento, será dado conhecimento, amor, a compaixão de Cristo, a salvação.**

E desejam de morrer

Por amor de seu amado,

Vivendo sem ter cuidado

Desta vida.

Quem viu nunca tal comida

Que é o sumo de todo bem,

Ai de nós que nos detém

Que buscamos!

Como não nos enfrascamos

Nos deleites deste Pão

Com que o nosso coração

Tem fartura.

Se buscarmos formosura

Nele está toda metida,

Se queremos achar vida,

Esta é.

**O pão é a vida, é a comida sagrada dada por Cristo, onde está contida toda a graça de Deus, e se queremos achar a salvação e a vida, no pão acharemos.**

Aqui se refina a fé,

Pois debaixo do que vemos,

Estar Deus e homem cremos

Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,

Pois na terra nos é dado

Quanto lá nos céus guardado

Nos está.

**É necessário fazer algo com algo que nos é dado, pois assim seremos salvos e entraremos em contato com o reino de Deus.**

A caridade que lá

Há de ser aperfeiçoada,

Deste pão é confirmada

Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,

Ele dá perseverança,

Pão da bem-aventurança,

Pão de glória.

**Assim como nas primeiras estrofes, aqui há uma colocação sobre como o pão é divino e salva os indivíduos. Ele dá perseverança.**

Deixado para memória

Da morte do Redentor,

Testemunho de Seu amor

Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,

Oh menino de Belém,

Oh Jesus todo meu Bem,

Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,

Meu amigo, meu irmão,

Centro do meu coração,

Deus e Pai.

**Adoração à Jesus Cristo.**

Pois com entranhas de Mãe

Quereis de mim ser comido,

Roubai todo meu sentido

Para vós

Prendei-me com fortes nós,

Iesu, filho de Deus vivo,

pois que sou vosso cativo,

que comprastes

Com o sangue que derramastes,

Com a vida que perdestes,

Com a morte que quisestes

Padecer.

**Novamente adoração à Jesus Cristo, aqui contando um pouco de sua história, do seu sacrifício pela sua humanidade e como o Padre se tornou devoto à ele.**

Morra eu, por que viver

Vós possais dentro de mim;

Ganha-me, pois me perdi

Em amar-me.

Pois que para incorporar-me

E mudar-me em vós de todo,

Com um tão divino modo

Me mudais.

**É praticamente um pedido para que Jesus Cristo salve-o e mude-o.**

Quando na minha alma entrais

É dela fazeis sacrário,

De vós mesmo é relicário

Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda

De vosso divino rosto,

O saboroso e doce gosto

Deste pão

Seja minha refeição

E todo o meu apetite,

Seja gracioso convite

De minha alma.

**Comer o pão é se aproximar de Jesus Cristo, é como se suprisse a ausência física de Jesus Cristo. Ele pede para que o pão seja como Jesus entrando em sua alma.**

Ar fresco de minha calma,

Fogo de minha frieza,

Fonte viva de limpeza,

Doce beijo.

Mitigador do desejo

Com que a vós suspiro, e gemo,

Esperança do que temo

De perder.

Pois não vivo sem comer,

Como a vós, em vós vivendo,

Vivo em vós, a vós comendo,

Doce amor.

Comendo de tal penhor,

Nela tenha minha parte,

E depois de vós me farte

Com vos ver.

**Amém.**

**Ele dedica as últimas estrofes para explicar a necessidade de comer o pão para se aproximar de Jesus Cristo. O pão seria como um fragmento físico que Jesus deixou para que se aproximássemos do reino de Deus.**